

Mário dos Santos (Lünen)

Mário G.M. dos Santos é jornalista, autor e editor. Reside na Alemanha há 42 anos. Nasceu nos arredores do Porto onde viveu até aos 18 anos. Entre 1970 e 1974 viveu em Paris. Regressou a Portugal em Maio de 1974, onde permaneceu até 1981, ano em que emigrou para Dortmund, Alemanha. Dirigiui a *Arcada*, magazine bilingue (português/alemão) de informação e cultura durante sete anos. Trabalhou na WDR (rádio publica alemã) como freelancer e foi correspondente no estrangeiro de várias rádios portuguesas. Em 1993, fundou o jornal *Portugal Post* (Alemanha) e foi seu director até dezembro de 2017. Actualmente exerce a actividade de editor.

Onde se encontrava no dia 25 de Abril de 1974?

No dia 25 de Abril de 1974 estava eu em Paris. Tinha fugido ao recrutamento militar em Portugal, decorria o início de 1970. A ‘fuga’ deu-se depois de ter ido à inspeção militar para verificar se eu estava apto para integrar o exército português. Depois disso, fiquei à espera que me chamassem para me apresentar num quartel.

Tempos depois recebi a guia de marcha para me apresentar dali a alguns meses numa unidade militar do Porto e decidi fugir. Apanhei a camioneta no Porto em direcção a Chaves. Comigo ia um amigo que era militar graduado, furriel, se não me enganar. O meu amigo desertor era mais velho do que eu e estava prestes a ser mobilizado para Angola, suponho.

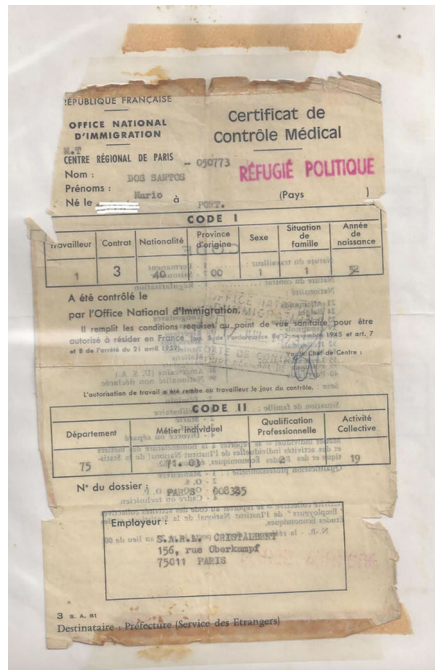
Viajámos numa camioneta do Porto até aos arredores de Chaves. Depois apanhamos uma boleia até perto da fronteira. A partir daí iniciamos a nossa caminhada. Não tínhamos a noção se a fronteira era longe ou perto. Fomos andando pelo caminho que julgávamos ser o itinerário certo para chegar à fronteira Portugal-Espanha. Começámos a caminhada por volta das cinco ou seis horas da tarde.

Caminhámos por carreiros, campos, mato e arvoredo. Caminhámos, caminhámos, caminhámos toda a noite. Era já noite profunda quando avistámos uma espécie de torre de vigia que pensámos pertencer aos espanhóis. E rastejámos por ali, durante algum tempo, para não sermos descobertos pelos guardas. Entretanto, lembro-me quando deixámos para trás essa torre, passamos uma ravina muito profunda. A noite era muito escura, tropeçávamos enquanto procedíamos à descida e subida da ravina.

Tropeçávamos, caíamos, levantávamo-nos, apalpávamos o terreno com os pés, e o mato cerrado provocava-nos arranhões que resultavam em pequenas feridas.

Depois, passámos um riacho, subimos sempre às cegas, de noite, passado esse obstáculo, começámos de novo a andar até que vimos, ao longe, luzes de uma pequena povoação e caminhámos nessa direcção, mas não encontrámos ninguém. Continuámos a caminhar durante horas até que chegámos a outra povoação onde havia uma pequena tasca. Estávamos com uma fome tremenda e lembro-me que comemos... Nós levávamos pouco dinheiro. Entramos lá e deram-nos uma lata de sardinhas, pão e cebolas.

A passagem da fronteira entre Portugal e Espanha foi o momento mais difícil da viagem e aquele em que receávamos ser presos. Continuámos a caminhar na direcção de Orense, mas já não me lembro de quanto tempo precisámos para lá chegar. Demo-rámos muitas horas, porque íamos descansando pelos campos, exaustos que estáva-mos. E procurávamos fruta das árvores para matar a fome.



Certificado de exame médico para refugiados políticos na França.

Nos arredores de Ourense, apanhámos um primeiro comboio sem sabermos muito bem que destino levava. O que importava era sair dali e chegar à fronteira com a França. Já era noite quando entrámos num comboio regional relativamente lento. Como não queríamos despendar dinheiro em bilhetes, tentávamos arranjar maneira de viajar sem sermos intercetados. Uma delas, algo perigosa, era viajarmos no exterior do comboio quando avistávamos o revisor. Viajávamos pendurados no lado exterior da porta (antigamente aqueles comboios não tinham portas automáticas). Quando vinha o revisor viajávamos pendurados alguns minutos, depois voltávamos a entrar após o funcionário passar. Muitas horas depois chegámos a uma localidade e aí apanhámos um comboio mais rápido, viajando da mesma forma, isto é, sem bilhete.

A custo e com muitas dificuldades e passando momentos muito desanimadores chegámos a Paris muitos dias depois. Em Paris encontrava-me na situação de refratário com um processo de pedido de asilo político, que se arrastou durante bastante tempo pelos meandros das autoridades francesas. No final concederam-me uma auto-rização provisória de exilado.

No dia 25 de Abril, a notícia que se tinha verificado um golpe de estado em Portugal chegou-me a meio da tarde desse dia. Na altura pensávamos que seria um golpe dos militares ligados a um general, Kaúlza de Arriaga, muito conhecido pelas suas posições muito reacionárias e adepto de um regime mais à direita e mais musculado do que o de Marcelo Caetano, o presidente do Conselho (primeiro-ministro) que tinha sucedido a Salazar.

Agarrados a todos os meios de informação possíveis, fomos percebendo de que se tratava de um movimento de capitães que se tinha sublevado contra o regime e exigia uma solução política para a guerra colonial. As notícias eram, porém, muito difusas e contraditórias. Entre o meu círculo de amigos, todos eles desertores e refratários, as certezas eram poucas quanto aos objetivos da sublevação dos militares.

Mas, como Paris era a cidade onde se refugiavam dirigentes políticos da oposição ligados a diversos partidos, tais como o Partido Comunista, o Partido Socialista, dirigentes e militantes ligados à extrema-esquerda e ainda intelectuais e artistas, as notícias começaram, hora a hora, a trazer informações mais claras e, durante a noite de 25 para 26 de Abril, todos quiseram ficar ligados às rádios e também aos telefones para viverem aquele momento histórico.

Quando compreendemos, finalmente, a dimensão do que estava acontecer, ou seja, na prática, o fim da ditadura, e que o 'golpe' se tinha transformado num movimento de soldados a quem se tinha juntado o povo inteiro ocupando as ruas do país clamando pela liberdade, democracia, exigindo eleições livres e o fim da guerra nas colónias, foi para nós um acontecimento extraordinário que nunca imaginaríamos viver e as dúvidas iniciais deram lugar a uma alegria imensa, a choros e a comoções. E, sobretudo, a um sentimento de libertação que nunca tínhamos sentido e vivido.

Muitos amigos não quiseram esperar nem uma hora mais e viajaram de imediato para Portugal. Eu esperei e participei em manifestações realizadas em Paris de apoio à Revolução dos Cravos que se realizaram em alguns pontos da cidade francesa.

Que momentos dessa época ficaram mais gravados na sua memória?

Em maio desse ano retornei a Portugal. Desde esse mês até quase ao final de 1975 viveram-se em todo o país dias conturbados, confusos, com rumores de golpes e contra-golpes e de grande instabilidade política e militar. Foi o período do PREC (Processo Revolucionário Em Curso) com as forças ligadas ao Partido Comunista a ensaiar, dizia-se, uma tomada de poder, o que gerou fortes receios nos sectores políticos e militares mais moderados. Nessa altura eu estava no Porto onde, de resto, aconteciam manifestações e movimentações todos os dias.

Foi por pouco que não aconteceu o que se temia, ou seja, uma guerra-civil. A tentativa do PCP ao querer tomar de assalto o poder político, militar e económico levou a uma quase união de sectores políticos do centro-esquerda, direita e centro-direita e até da extrema-esquerda maoísta contra as forças ligadas ao Partido Comunista. O que se passou durante esse período fez com que vivêssemos momentos políticos muito complicados. Lembro, por exemplo, dos confrontos entre militares (Comandos contra Paraquedistas, etc.) que estavam ligados a diferentes correntes ideológicas; o radicalismo de forças ligadas à extrema-esquerda (em que eu militava) e as ações de sectores militares e civis ligados à extrema-direita que desenvolveram violentos ataques contra sedes de partidos e que também conspiravam na clandestinidade.

Lembro também, mas sem lá estar, do momento muito delicado que foi o cerco à Assembleia-Constituinte – em 1975 – com o sequestro dos deputados constituintes e do primeiro-ministro da altura organizado pelos trabalhadores da construção-civil e movimentos que apontavam a 'democracia popular' ou a 'ditadura do proletariado' como modelos políticos. Foram momentos de grande convulsão política que, não fosse a mediação de forças políticas – militares e civis – mais moderadas, em que claramente se destaca Mário Soares, não se poderia falar hoje de uma revolução de cravos e sem sangue.

Dentre os momentos-chave dessa época, decorridos 50 anos, destaco a libertação dos presos políticos, o final da guerra colonial e a consequente entrega das colónias aos seus povos; a extinção da polícia política, o fim da censura e instauração das liberdades mais elementares; a tentativa da reforma agrária no Alentejo, após anos de opressão, subjugação e miséria dos trabalhadores do campo daquela região, a ocupação 'selvagem' das casas desocupadas por pessoas que viviam em condições miseráveis e, em suma, a esperança que Portugal viesse a ser um país onde as pessoas tivessem acesso às condições de vida elementares. Não se deve esquecer que a maioria do povo vivia em condições miseráveis. Para as pessoas, não era apenas a liberdade e o direito a escolher os governantes através de eleições estavam ligadas ao desejo de condições dignas de vida – uma aspiração de todo o povo. Em Portugal a larga maioria das pessoas vivia em barracas e em 'casas' sem condições de higiene, sem água potável, sem esgotos, sem luz e com famílias a viverem numa promiscuidade hoje impensável, ou seja, em condições miseráveis, com uma enorme taxa de analfabetismo, mortalidade infantil, desnutrição, fome e medo.

Um período que me marcou durante o tempo a seguir ao 25 de Abril foram as primeiras eleições livres para a assembleia constituinte, sem esquecer o 1º de Maio livre com impressionantes manifestações nas quais, infelizmente, não estive presente. Nessa altura militava num partido político e fui escolhido para presidir a uma mesa de voto no Porto nas primeiras eleições livres. Pude viver momentos inesquecíveis durante o dia das eleições com intermináveis filas de gente de todas as idades; muitos sem saber ler e escrever, mas que não queriam deixar de viver com grande emoção o ato de votar livremente. Vi gente a chorar quando introduziam o voto na urna. E, nessa altura, senti o poder que as pessoas podem ter na mudança dos destinos de um país.

Como olha hoje para este meio-século de democracia em Portugal?

Hoje, decorridos 50 anos do 25 de Abril, olho para trás e vejo um país, pese tudo, muito melhor, com um povo que se encontrou com a liberdade e os valores da vivência, digamos assim, democrática, com partidos, uma constituição e um regime de democracia parlamentar que penso ser sólido.

Hoje, nestes conturbados tempos, falar do futuro é um exercício de adivinhação, mas penso que o povo português saberá dar continuidade aos valores do 25 de Abril, ainda que tenha de percorrer o caminho das pedras.

Se quisermos comparar o Portugal de hoje com o que era durante os anos negros do salazarismo-fascismo, basta ouvir quem viveu ambos os regimes. Eu vivi o antes e o depois e posso garantir que a diferença é como falarmos das trevas e da luz.

Em 1970 fui um refugiado político em Paris. Hoje, estou na Alemanha, já há 40 anos. Vim de Lisboa para Dortmund no final de 1982. Em 1981 foi-me concedida a chamada *Aufenthaltserlaubnis* (autorização de estadia provisória), obtida com grande insistência junto dos serviços de estrangeiros do município de Dortmund. Aqui na Alemanha exerci a profissão de jornalista freelancer e fui correspondente para várias rádios em Portugal. Entre 1988 e 1992 fui diretor de um magazine bilingue de Informação e Cultura de nome *Arcada*. Em 1993 fundei o jornal mensal, *Portugal Post* (inicialmente chamou-se *Correio de Portugal*), em língua portuguesa, que teve como público alvo toda a comunidade portuguesa. Saí do jornal em 2018 e a redação transferiu-se de Dortmund para Berlim.

Em 2015 fundei a Oxalá, uma editora vocacionada para a publicação de autores de toda a diáspora lusa e para as edições bilingues de escritores portugueses.